

**SOUSA GALITO, Maria (2004). O Regresso do Medo. CI-CPRI, AO, Nº2, pp. 1-2.**

**AO: Artigo de Opinião**



## **O Regresso do Medo**

O sequestro na escola n.º 1 de Beslan, na Ossétia do Norte, que paralisou as televisões do mundo de 1 a 3 de Setembro, soma-se a uma série de atentados terroristas que, no espaço de poucos dias, têm rebentado na Rússia. Incluindo duas bombas em Moscovo, dois aviões abatidos, pelo menos nove mortos em explosões de minas colocadas por separatistas na Chechénia, para além da lista de mortos que o referido conflito vai contabilizando. A crise de Beslan reabre as feridas do massacre no teatro Dubrovka de Moscovo, em Outubro de 2002, instigado por rebeldes chechenos.

Os terroristas que ocuparam a escola tinham diferentes etnias. Eram ossetas, inguches, chechenos e russos. Mas havia outras nacionalidades que despertaram a dúvida: haveria ali dedo da Al-Qaeda? Se sim, a crise deixaria de ser uma questão interna russa e passaria a ser uma preocupação internacional, integrada na luta global contra o terrorismo. Reforços externos poderiam ajudar a resolver um problema de política interna.

O terrorismo é um meio violento (físico e/ou psicológico) perpetuado individual ou colectivamente com vista a impor o medo. Mas a Al-Qaeda e o terrorismo checheno são duas realidades muito diferentes. Em comum, apenas algumas práticas e o facto de quererem alimentar situações de limite, de pânico, de horror entre as comunidades civis. A Al-Qaeda não possui projecto político e é transnacional. Mas a opinião pública tende a abreviar dissemelhanças e a concentrar-se na palavra *terrorismo*. O mais é história.

Entretanto, o governo central russo enfrenta dificuldades em todo o Cáucaso do Norte. O Kremlin mantém uma linha dura com os rebeldes (em particular os que recorrem a táticas terroristas), para conservar a integridade do território russo (não perder mais território, desde a desintegração do império soviético em 1991) e manter aquela região estratégica, que consta da rota do ouro negro (petróleo). Mas os atentados sucedem-se, inclusive em Moscovo. O que instala medo entre a população russa em geral.

Esta instabilidade na Rússia, acompanhada todos os dias pelos eleitores dos EUA, pode favorecer a campanha de George W. Bush, pois o Presidente estava a ser acusado de manter um discurso centrado no combate ao terrorismo sem necessidade. Nos EUA, o medo geralmente traduz-se em votos no partido republicano.

As crises na Rússia, sobretudo em Beslan (que inclui imagens impressionantes de crianças e mães em sangue e desespero) a pouco tempo das eleições e do aniversário dos atentados de 11 de Setembro, podem influenciar um eleitorado que, em caso de dúvida, prefere votar na constância.

Mas a reeleição de W. Bush, significa a manutenção de uma postura mais agressiva e militarizada. O número de descontentes e de anti-americanos no mundo poderá aumentar. As posições de parte a parte poderão radicalizar-se. O porvir poderá trazer rearmamento. O equilíbrio de poderes futuro poderá ser mais realista (menos idealista), militarizado, centrado na erradicação do terrorismo e determinado em controlar Estados acusados de serem santuários deste tipo de actividades.

Falamos, portanto, de poder. De uma relação de forças. Em que uns ganham e outros perdem. Há muitas variáveis nesta equação, inclusive jogos de influência, posições estratégicas, tráfico de armas, prestígio governamental, motivações religiosas e políticas, lucros empresariais.

É importante que prevaleçam os valores humanitários. Quem mais sofre, como sempre, são as vítimas inocentes dos atentados e as suas famílias. Mas para que a estabilidade e a paz possam ser efectivas, importa erradicar o problema. Qual a melhor solução?

Por outro lado, urge conhecer as causas. É preciso saber quem está por detrás dos operacionais, dos terroristas. Quem os financia? Quem os treina? Quem lhes vende armas? Quem beneficia com os atentados, directa ou indirectamente? Queremos mesmo saber a verdade? Estaremos preparados para ela? Porque eles estão bem vivos. Ganham muito com as redes que manipulam e fomentam. São esses que beneficiam com o nosso medo.

04/09/2004